

DO CÓDICE AO E-BOOK**Danilo Wenseslau FERRARI***

Resenha de DARNTON, Robert. ***A questão dos livros. Passado, presente e futuro.*** Tradução Daniel Pellizzari. SP: Companhia das Letras, 2010, 232 p.

Entre os historiadores, Robert Darnton dispensa apresentações. Norte-americano de Nova York, o estudioso ficou conhecido como uma das principais referências sobre a história da França no século XVIII. Antes de se tornar historiador, Darnton foi repórter policial do jornal *The New York Times* e apesar de não mais percorrer delegacias em busca de matérias investigativas, o pesquisador emprestou o espírito detetivesco às suas obras de história. Além do faro de investigador, Darnton também adotou o olhar etnográfico em alguns de seus livros embasados na antropologia cultural norte-americana representada especialmente por Clifford Geertz e que, entre outros fatores, ajudou a transformar os paradigmas históricos entre os anos 1960 e 1970, época em que se deu a maior parte da produção de Darnton.

As obras de Darnton, de leitura fluente e instigante, ultrapassaram as fronteiras universitárias e atingiram públicos mais amplos. No Brasil, os leitores contam com *O grande massacre de gatos* (Graal, 1986), *Boemia Literária e Revolução* (Companhia das Letras, 1987), *O lado oculto da Revolução* (Companhia das Letras, 1988), *Edição e Sedição* (Companhia das Letras, 1992), *O beijo de Lamourette* (Companhia das Letras, 1995), *O Iluminismo como negócio* (Companhia das Letras, 1996), *Revolução Impressa* (Edusp, 1996, em co-autoria com Daniel Roche), *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* (Companhia das Letras, 1998) e *Os dentes falsos de George Washington* (Companhia das Letras, 2005). Conforme se observa, a maior parte dos livros de Darnton versou sobre o universo intelectual, editorial e livresco do século XVIII francês. Desta maneira, o autor tornou-se um dos principais representantes da história do livro, ramo não tão recente, mas ainda pouco explorado entre os historiadores e tema central de seu novo *A questão dos livros* “passado, presente e futuro” (Companhia das Letras, 2010).

* Mestrando em História. Unesp/Assis-SP/ Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: danilowferrari@yahoo.com.br

A nova obra foi fruto de uma reunião de ensaios escritos pelo autor entre 1999 e 2008. As reflexões abordaram a situação do livro em diferentes épocas, desde a França pré-revolucionária até a atualidade, ou melhor, da atualidade até a França pré-revolucionária, pois a estrutura pela qual se dividiu *A questão dos livros* inverteu o subtítulo: futuro, presente, passado. Esta divisão também remontou a trajetória profissional e intelectual de Darnton. Nos primeiros textos, o autor abordou situações por ele vivenciadas enquanto diretor da biblioteca da Universidade de Harvard, idealizador de um programa de digitalização de monografias e livros, o *Gutenberg-e*, e incentivador da disponibilização de artigos científicos para o acesso livre na internet. No último capítulo, Darnton apresentou uma possível metodologia para a história do livro a partir do caso de um livreiro de Montpellier no século XVIII, texto que remontou a temática do início da carreira do autor entre os anos 1960 e 1970 enquanto pesquisador do livro no século dos iluministas. A obra, portanto, atravessou-se pela perspectiva pessoal do autor.

A questão dos livros surgiu em um momento oportuno de discussão e questionamento sobre o futuro do livro em suporte impresso como conhecemos e utilizamos desde o aparecimento dos primeiros códices e do surgimento da imprensa de Gutenberg no século XV. O desenvolvimento das tecnologias da informação nos últimos anos fez com que a internet se tornasse ferramenta fundamental no cotidiano da atualidade e se disponibilizasse uma gama significativa de dados ao alcance de qualquer internauta, inclusive os livros. A mudança tão considerável foi capaz de colocar em xeque a existência do livro em material impresso pela primeira vez em séculos de sua existência. De fato o desenvolvimento da rede mundial de computadores (internet) revolucionou o acesso a quaisquer tipos de informação quase que praticamente sem restrições aos seus usuários. A partir de então, no caso dos livros, obras inteiras foram publicadas virtualmente e outras tantas acabaram digitalizadas por grandes portais.

A partir deste quadro, qual seria o futuro do livro? Quais foram os fatores que contribuíram para que chegássemos a esta situação? Estas são as questões primordiais que Darnton se propôs discutir de maneira otimista. O livro iniciou-se com a parte “Futuro”. Nos quatro capítulos deste grupo, o autor analisou a situação do acesso a informação em uma era de iniciativas como o *Google Book Search* (conhecido no Brasil como “Google Livros”) que há alguns anos começou a digitalizar o acervo das maiores bibliotecas do mundo e disponibilizá-los na internet. Robert

Darnton havia sido nomeado diretor da biblioteca da Universidade Harvard, em 2005, quando soube deste projeto do Google e que Harvard seria a primeira experiência.

A iniciativa seria a concretização do sonho da República das Letras dos iluministas do século XVIII de que todo o conhecimento deveria ser de livre acesso a quaisquer cidadãos sem restrições. No entanto, o projeto audacioso esbarrou, logo de início, na questão dos direitos autorais. Um grupo de autores e editores moveu uma ação litigiosa contra o Google que Darnton acompanhou inclusive como testemunha. Segundo o historiador, nos Estados Unidos, as obras são protegidas pelo copyright durante toda a vida do autor e mais setenta anos após sua morte. Depois de demoradas e secretas negociações, os litigantes chegaram a um acordo: o Google permitirá livre acesso às obras em domínio público, mas venderá assinaturas a uma base de dados que possibilitará o acesso aos livros protegidos pelos direitos autorais. Bibliotecas, faculdades, universidades e até mesmo pessoas físicas terão acesso a estas informações após adquirirem uma “licença de assinante”. Do valor pago por esta licença, o Google ficará com 37% e distribuirá 63% entre os detentores do copyright.

Desta maneira, o Google, com seus engenheiros e algoritmos, se tornará a maior empresa livreira do mundo, capaz de desbancar serviços como o Amazon e as maiores bibliotecas existentes. No entanto, para Robert Darnton, começaram aqui alguns problemas: o perigo de uma única empresa controlar o acesso à informação. Alguns funcionários do Google se dirigem às grandes bibliotecas públicas do mundo, digitalizam seu acervo gratuitamente e em seguida as mesmas bibliotecas têm de comprar o acesso a parte de seu material digitalizado. Além disso, segundo Darnton, não houve, neste acordo entre o Google e os detentores do copyright, consulta ao público usuário, ou seja, o maior interessado. Desta forma, a utopia de realização de uma República das Letras fica cada vez mais ilusória. Em *A questão dos livros*, Robert Darnton não se declarou contra as digitalizações, mas a favor delas desde que tenham em vista, em primeiro lugar, os interesses públicos de livre acesso às informações e obras historicamente acumuladas pelas bibliotecas e não objetivos comerciais e financeiros.

Além de apresentar outros problemas desta digitalização como a obsolescência dos suportes virtuais em manter uma página por muito tempo “no ar” e o fato de que o Google cometeria erros ao digitalizar todas as versões de uma mesma obra, Darnton também comparou esta situação com o acesso de bibliotecas públicas e universitárias a bases de dados e periódicos científicos. Professores universitários colaboram gratuitamente na elaboração dessas publicações por meio de conselhos consultivos e

editoriais e submissão de artigos sem remuneração. Em seguida, as grandes editoras responsáveis por estes periódicos vendem suas assinaturas e bases de dados às bibliotecas das universidades a preços cada vez mais altos. Em suma, as universidades são forçadas a comprar o saber produzido em seu próprio seio.

A situação analisada por Darnton é relativa aos Estados Unidos, mas é muito parecida com o que ocorre no Brasil. Devido ao custo muito oneroso destas licenças, as bibliotecas ficam sem dinheiro suficiente para adquirir novas monografias, dissertações e teses publicadas em livro, o que gerou uma crise neste setor editorial, visto que as bibliotecas universitárias são as maiores compradoras destas obras. Desta forma, algumas editoras têm preferido publicar teses e dissertações apenas em formato digital. Segundo o autor, todas estas transformações colocariam em xeque a existência futura das bibliotecas, pois todo o conteúdo de suas prateleiras estaria disponível a apenas um download de distância. Em uma postura conciliatória, Darnton partiu então para a defesa da biblioteca e do livro enquanto suporte impresso não apenas por sua individualidade (todos os aspectos da materialidade), mas também por proteger os interesses públicos, mesmo que aliados às iniciativas privadas acima descritas:

Algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há 2 mil anos. Enquanto isso não acontece, digo: protejam a biblioteca. Abasteçam-na com material impresso. Reforcem suas salas de leitura. Mas não pensem na biblioteca como um depósito ou um museu. Ao mesmo tempo em que oferecem livros, a maioria das bibliotecas de pesquisa operam como centros nervosos de transmissão de impulsos eletrônicos. Adquirem bancos de dados, mantêm repositórios digitais, fornecem acesso a periódicos eletrônicos e orquestram sistemas de informação que alcançam as profundezas de laboratórios e gabinetes. Muitas delas estão compartilhando sua riqueza intelectual com o resto do mundo ao permitir que o Google digitalize seus acervos de impressos. Assim sendo, digo também: vida longa ao Google, mas não esperemos que ele viva o bastante para substituir aquele venerável edifício com colunas coríntias. Como cidadela do saber e plataforma para aventuras na internet, a biblioteca de pesquisa ainda merece estar no centro do campus, preservando o passado e acumulando energia para o futuro (p. 59).

Na segunda parte, “Presente”, Darnton abordou novamente as diferenças entre as obras em novas mídias (os *e-books*) e livros antigos. Os primeiros trariam a vantagem de relacionar uma quantidade maior de informações ao permitir o acesso a diversas páginas e interfaces por meio de hiperlinks. No entanto, Robert Darnton,

sempre em tom conciliador, questionou a possibilidade dos *e-books* substituírem a invenção de Gutenberg, mas sim complementá-la. O historiador também dissertou sobre sua experiência à frente da American Historical Association (AHA) no final dos anos 1990 e da implantação de um projeto de publicação virtual de teses e monografias para o livre acesso, o *Gutenberg-e*. O programa foi idealizado pelo próprio Darnton e no início sofreu as resistências de alguns conservadores em aceitar o texto virtual como um livro legítimo. No entanto, a iniciativa obteve sucesso, pois a partir do *Gutenberg-e* o usuário pode acessar gratuitamente não apenas livros científicos, mas também literários.

Robert Darnton também idealizou o projeto *Electronic Enlightenment* (Iluminismo eletrônico) que digitalizou a correspondência de iluministas como Voltaire, Rousseau, Franklin, Jefferson, Locke e Bernardin de Saint-Pierre. A documentação inédita pode ser acessada virtualmente via base de dados. Em *A questão dos livros*, o historiador também discorreu sobre sua defesa, junto à Harvard, do acesso livre aos artigos científicos produzidos no Instituto de Artes e Ciências e outros setores da mesma universidade. Na terceira parte, “Passado”, o estudioso começou com um “louvor ao papel” ao comentar a obra *Double fold* de Nicholson Baker que criticou a substituição do acervo de jornais e livros por microfimes. Segundo Darnton, Baker descreveu de maneira emotiva a atitude de alguns bibliotecários e responsáveis por arquivos que, no passado, em prol dos problemas relativos ao espaço físico das bibliotecas e dos arquivos, decidiram micro-filmar (técnica nova na época) parte de seus acervos e desfazer-se dos seus suportes impressos sob a justificativa de que estes estariam condenados ao esfacelamento, fruto da ação do tempo.

Apesar de discordar de Baker em alguns pontos, Darnton utilizou a referida obra como alerta em seu ensaio para que se evite uma atitude semelhante com a digitalização dos acervos bibliotecários e arquivísticos. Substituir os suportes impressos por microfimes foi um erro do passado, visto que na microfilmagem perde-se parte da nitidez, toques de cor, textura da página impressa e outras qualidades táteis que conduzem o leitor. A crença no microfilme fez com que grandes acervos de obras raras fossem incinerados. Neste mesmo bloco, Darnton também discutiu a importância de se preservar e consultar diversas versões de uma mesma obra na medida em que apresentam variações do mesmo texto a partir de interesses diversificados. Nesta parte final, o historiador recuperou algumas questões do início de sua carreira.

No penúltimo capítulo, o estudioso analisou alguns livros ingleses de lugares-comuns da Inglaterra nas primeiras décadas do século XX. Estes cadernos, comuns na época, eram conjuntos de anotações que os leitores copiavam dos livros que liam. Neste caso, a importância está em perceber que a prática da leitura e da escrita estão atreladas e que ao escrever estes textos, os indivíduos recolhiam diferentes imagens e produziam um novo sentido a partir das mesmas e de seu novo conjunto. Vale lembrar que Darnton utilizou o vocabulário dos internautas para descrever a ação dos produtores de livros de lugares-comuns. Talvez o historiador valeu-se desta imagem para “costurar” um sentido entre os ensaios de seu próprio livro. No último capítulo, o estudioso analisou a troca de correspondência entre um livreiro de Montpellier e sua fornecedora, editora suíça *Société Typographique de Nêuchatel*, cujo acervo foi descoberto por Darnton e por ele vem sendo estudado. Neste ensaio escrito há trinta anos e revistado por seu autor, Darnton ensaiou uma metodologia para a história do livro perpassando um sistema que envolve autor, editor, gráficos, encadernadores, fornecedores, distribuidores, livreiros e leitores, todos atravessados pela conjuntura de seu tempo.

Em *A questão dos livros* encontra-se uma idéia de futuro otimista tanto para os livros em papel quanto para os novos suportes virtuais por meio do discurso conciliador de Robert Darnton. No momento em que o debate a respeito do possível desaparecimento do livro em papel encontra-se acalorado e dividido entre entusiastas e pessimistas, *A questão dos livros* mostra uma saída conciliatória para a questão: digitalizar é preciso, desde que se incentive e se pratique a preservação dos suportes impressos, pois para Darnton, “a moral da história serve de corretivo para o folclore jornalístico: não existe nada mais morto que o jornal de ontem, exceto o jornal de ontem destruído” (p. 145).

Recebido em 15/09/2010

Aprovado em 5/10/2010